

O DESPERTAR DO “DRAGÃO ADORMECIDO” RAZÕES DO EXPRESSIVO CRESCIMENTO CHINÊS NO CENÁRIO MUNDIAL

THE AWAKENING OF THE "ASLEEP" DRAGON REASONS OF THE EXPRESSIVE CHINESE GROWTH IN THE WORLD SCENERY

¹SILVA, C. C. M.; QUEIROZ, J. M.; NASCIMENTO, D. M. ²SILVA, M.

^{1e2}Departamento de Administração de Empresas - Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

O elevado patamar em que se encontra o império chinês na atualidade é foco de relevantes estudos. Não se pode negar que as transformações sofridas pela China nos últimos anos sejam profundas. Desta feita, objetivou-se analisar historiograficamente as razões do crescimento chinês no cenário contemporâneo mundial. Desde seu aparecimento no contexto econômico mundial, as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto chinês excedem, em muito a média mundial. Sendo assim, as análises buscam compreender que fatores contribuíram para esse acelerado crescimento. Trata-se de uma pesquisa de atualização que faz a revisão bibliográfica de dissertações, teses, livros e revistas, além de periódicos indexados nas bases de dados eletrônicos *Scielo*, *Cadernos do Cedes* e sites, concernentes ao desenvolvimento chinês. A jogada política planejada pelos governantes chineses foi fator decisivo para que a economia chinesa alcançasse o ápice. Os resultados mostram que estas estratégias foram desencadeadoras do expressivo avanço econômico chinês e as reformas ocorridas nos diferentes setores sociais, concomitante com a criação das importantes Zonas Econômicas Especiais auxiliaram na captação dos recursos necessários ao desenvolvimento econômico chinês.

Palavras-chave: Economia; China; Desenvolvimento Econômico; Razões; Crescimento.

ABSTRACT

The high landing in that meets the Chinese empire at the present time it is focus of important studies. One cannot deny that the suffered transformations for China in the last years are deep. Of this done, it was aimed at to analyze historiographically the reasons of the Chinese growth in the world contemporary scenery. From your emergence in the world economical context, the rates of growth of the Chinese gross domestic product exceed in a lot the world average. Being like this, the analyses look for to understand that factors contributed to that accelerated growth. It is an updating research that makes the bibliographical revision of dissertations, theses, books and magazines besides newspapers indexed in the bases of electronic data *Scielo*, *Notebooks of the you Give in* and sites, concerning to the Chinese development. The political play drifted by the Chinese rulers it was decisive factor so that the Chinese economy reached the apex. The results show that these strategies were triggering of the expressive progress economical Chinese and the reforms happened in the different social sections, concomitant with the creation of the important Special Economical Zones they aided in the reception of the necessary resources to the Chinese economical development.

Keywords: Economy; China; Economical development; Reasons; Growth.

INTRODUÇÃO

A China é a nação mais populosa do mundo e abrange uma área de mais de 9 milhões de quilômetros quadrados (GÓES, 2006). Estudos colocavam que não demoraria para que China emergisse como superpotência mundial, o que pode ser constatado atualmente, pois o “dragão levantou vôo” e segue em direção ao topo da lista de líder econômico mundial. Existem indagações sobre por que o país tenha demorado tanto para despontar como grande potência, mediante grandeza populacional e territorial, alavancas naturais no processo de desenvolvimento.

A história da China é marcada por grandes acontecimentos, mas, “a dimensão dos acontecimentos só é superada pela velocidade com que eles se sucedem” (SOUZA, 2009, p. 14); de forma súbita e inesperada “deixou de ser uma sociedade arcaica” transformando-se em “potência global”. Encontra-se na atualidade “no centro do processo da construção de um dos pilares de sustentação do sistema internacional de amanhã” (CABRAL, 2009, p. 74).

A economia chinesa deu um grande salto nos últimos anos, Skidelsky (2006, p. 22) enfatiza que o PIB chinês cresce consideravelmente a cada ano e, “em termos de poder de compra, chega a dois terços do tamanho da americana”.

As dificuldades pelas quais passou são dignas de serem mencionadas, pois para se entender o grande feito é preciso resgatar seu passado um tanto quanto conturbado, Ferreira (2010, p. 9) salienta que:

[...] seus atuais índices de crescimento [...] são resultados de três fatos históricos centrais: a Revolução Chinesa de 1949, as reformas econômicas iniciadas pelo líder político chinês Deng Xiaoping e, [...] a estratégia política do PCCh (Partido Comunista Chinês) para o enfrentamento da crise asiática desde 1997.

No pós-1949, a China manteve-se num sistema isolacionista, o que contribuiu para que o país se tornasse colônia de países europeus, influenciando sua estrutura política e econômica; o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos da América e nações europeias ao país, concomitante ao rompimento com a URSS, agravou o quadro (GÓES, 2006; FERREIRA, 2010).

INFLUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO CHINESA

A China é considerada um dos berços da civilização humana; sua história é marcada por guerras internas que objetivavam unificar o país (SALATIEL, 2009), seu atraso econômico, social e industrial e ser explicado nesse processo.

No século XIV na Dinastia Ming, o país adotou uma política isolacionista, coibindo a expansão mercantilista. Essa medida abriu desvantagens frente às potências mundiais que, somada a instabilidades internas, o deixou suscetível à invasões de nações imperialistas (SALATIEL, 2009). Isso aconteceu quando os ingleses se lançaram “sobre o litoral da China” (LEONARDO, 2007, p. 17). O interesse na abertura do mercado chinês aos ingleses ocasionou a Guerra do Ópio tornando a China num país semicolonial (MARX, 1988 *apud* SOUZA, 2007).

Salatiel (2009) diz que após esse embate o país ficou retalhado em colônias inglesas, francesas, alemãs, japonesas e americanas, o que provocou um clima de insatisfação no povo que organizou então, levantes populares. O insucesso dos motins concedeu poder aos senhores da guerra “[...] proprietários rurais que haviam formado exércitos regionais para manter o controle político e econômico nos seus respectivos domínios territoriais” (SOUSA, 2009, p. 166).

Souza (2007, p. 108) destaca que “o papel dos camponeses como principal força social na Revolução Chinesa, esteve associado às suas condições de vida e à sua presença largamente majoritária na estrutura de classes da sociedade” e Amin (2001 *apud* SOUZA, 2007) diz que ela permitiu ao povo alcançar a dignidade e cultivar a unidade e solidariedade social, vencendo o imperialismo, os latifundiários e os senhores da guerra. Entretanto, após isso, o país foi utilizado como cobaia por Mao Tse-Tung para uma política socialista que culminou na morte, por inanição, de cerca de 20 milhões de pessoas. (SALATIEL, 2009).

Outro importante acontecimento foi Revolução Cultural, que ideologicamente afetou diversos setores sociais; “a esposa de Mao, Jiang Qing, se transformou na figura dominante nas artes”; atuando como “ditadora cultural” decidindo o que poderia ou não, ser “escrito, pintado, editado, cantado e exibido nos teatros e cinemas”.

O poder de Mao se perpetuou também pela criação da Guarda Vermelha que oprimia toda forma contrária de governo ao líder vigente. Entretanto, dentro do grupo, surgiram facções rivais que ocasionou baderna “selvageria e desordem” e acarretando problemas políticos para Mao Tse-Tung que se viu obrigado a desmobilizar a ação da Guarda. (SOUSA, 2009, p. 176).

Segundo Corsi (2011) a China trilhou via própria de transição para o capitalismo a partir do final dos anos 1970 e a Revolução Chinesa revelou-se muito mais como uma revolução nacional, objetivando transformá-la em grande potência

com pretensões imperiais. Sua ascensão deve-se pela trajetória de programas de reformas capitalistas na economia favorecidos pela:

[...] reintrodução da propriedade privada; mercantilização da força de trabalho; realocação do mercado como nexos da economia a partir do momento em que os preços nele formados passaram a ser determinantes na alocação de recursos e de mão de obra, em que pese as interferências estatais nesse processo; estímulos à agricultura familiar; privatização de inúmeras empresas estatais; pesados investimentos em infraestrutura; abertura controlada para o capital estrangeiro; formação de grandes grupos nacionais com base em empresas estatais, o que consiste em um dos instrumentos que confere ampla margem de ação do Estado na economia; agressiva política exportadora e controle de variáveis-chave da economia: juros, câmbio e crédito. (CORSI, 2011, p. 118).

Essas “jogadas estratégicas” foram um sucesso, pois a economia cresceu cerca de 10% desde os anos 1980 e, com o sucesso da Revolução Chinesa o país tinha real necessidade de crescimento político e econômico. Vê-se na história que, logo após a II Guerra Mundial o planeta foi praticamente dividido entre duas grandes potências, Estados Unidos da América e União Soviética.

A China num primeiro momento se familiarizou pela linha socialista, afastando mais tarde, crente de que o país da mesma maneira que os EUA queria a hegemonia mundial. Mas desse contato criou, em 1954, o documento “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica” que preconizava as linhas para o estabelecimento de relações com as nações recém-independentes da Ásia e da África; Essa assertiva possibilitou às autoridades chinesas se voltar para uma política pacífica com relação à África buscando “estabelecer relações com países recém-independentes e apoio ao processo de descolonização do continente” (MENDONÇA, 2011, p. 259).

A partir do momento em que a China se distanciou da URSS e EUA na luta contra a hegemonia de tais, procurou fazer alianças com as nações africanas propondo princípios que embasariam suas relações; isso contribuiu para sua entrada no quadro da Organização das Nações Unidas visto os africanos deterem 1/3 dos votos na assembleia (MENDONÇA, 2011, p. 260), sendo fator decisivo para a entrada da China no cenário econômico mundial.

O DESPERTAR DO DRAGÃO

Nota-se então que alguns fatores foram de vital importância para que a China saísse de seu estado de dormência, em comparação aos demais países no globo, dentre os quais:

[...] reformas empreendidas pelo Partido Comunista da China (PCCh), desde 1978, vêm trazendo significativos resultados relativos, no que diz respeito à industrialização, comércio exterior, incremento do consumo da população. A China apresentou, em média, taxas de crescimento do PIB na ordem de 10% ao ano, durante os últimos 30 anos (CEPAL, 2009 *apud* PEDROZO; SILVA, 2011, p. 226).

Com a morte de Mao Tse-Tung, Deng Xiaoping assume a direção do país de 1976 a 1997, sua importância se dá na questão da ascensão da China como potência, pois promove inúmeras reformas econômicas, implantando uma economia de mercado capitalistas, modernizações essenciais para o país (SOUZA, 2009).

Sua interferência passa pelo setor agrícola, militar, comercial, científico, industrial, tecnológico; cria as Zonas Econômicas Especiais e dá “início ao processo de liberação do mercado, abertura para investimentos financeiros, descentralização da produção agrícola, abertura para iniciativa privada” (FERREIRA, 2010). Nonnenberg et al. (2008 *apud* RIBEIRO, 2009) expõem que os investimentos advindos do exterior canalizavam-se diretamente nestas regiões em decorrência de suas vantagens industriais, entre as quais a isenção fiscal.

Guimarães (2003) salienta que a China buscou sua normalização com o Japão e o estabelecimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos da América, estabelecendo vários acordos. Wang (2004 *apud* PEDROZO; SILVA, 2011, p. 234) enfatizam que estas reformas “tinham por objetivo [...] tornar a China competitiva no âmbito mundial, e elevar o poder aquisitivo de seu povo” deixando de lado “o modelo de planejamento centralizado do período maoísta, considerado, sob muitos aspectos, insuficiente para as necessidades da população chinesa”.

Pedrozo e Silva (2011, p. 236) salientam ainda que:

Paralelamente à modernização das técnicas de gestão e da busca por novas tecnologias nas maiores empresas de propriedade estatal, e a promoção de um forte setor privado, o setor industrial chinês era profundamente modificado no interior do país: inovações de propriedade, e organização. Após as reformas de 1978, as comunas foram transformadas em municipalidades e tornaram-se sedes administrativas, que se responsabilizavam pela gestão dos mais variados assuntos em seu território delimitado.

Oliveira (2005) acrescenta que obras hidráulicas se mostraram importantes, pois aumentaram as áreas irrigadas e, a implantação de grandes empresas estatais produtoras de insumos modernos para a agricultura, que se mostraram capazes de atender à crescente demanda das unidades familiares camponesas.

Neste ponto, engloba-se a questão da crise asiática de 1997. Através de investimentos em infra-estrutura como abordado em Ferreira, o país procura movimentar sua capacidade produtiva ociosa e:

[...] munidos dessa política, favorecidos por sua taxa de câmbio e por condições de produção agrícola [...] os chineses superaram o Japão e os Tigres Asiáticos [...] e passaram a ocupar o papel de intermediador do comércio da Ásia para com os EUA e Europa. [...] o qual implica também mudanças substanciais em relação à política econômica anterior, principal fator do atual estágio de desenvolvimento do gigante asiático (FERREIRA, 2010, p. 10).

Tendo por base Jaggi et al. (1996) os autores salientam que as reformas econômicas e a abertura ao exterior não foram acompanhadas por reformas políticas e abertura interna, gerando problemas e ocasionando protestos reivindicando reforma e abertura política.

A abertura das Zonas Econômicas Especiais suscitou interesse de empresas transnacionais que, em busca de liberdade de ação, vantagens do mercado consumidor e principalmente de mão-de-obra barata. (LEONARDO, 2007). Sua criação tinha por objetivo, atrair capital externo que beneficiaria o “desenvolvimento agrícola e industrial, a transferência de tecnologia, a promoção de exportações, a adaptação dos moldes de gestão comercial e industrial ocidentais e a absorção de bens e serviços produzidos em outras regiões do país” (GÓES, 2006).

Lima (2008, p. 12) diz que através de tais zonas as empresas estrangeiras gozavam de “isenção de tributos, [...] incentivo adicional de livre remessa de lucros e dividendos para o exterior bastando [...] exportar entre 10% e 20% da produção”. Os resultados dessa “experiência” foram positivos, pois a China começou a colher os frutos do desenvolvimento, alcançando taxas muito além das expectativas e acima da média mundial, filiando-se em 2001, à Organização Mundial do Comércio (OMC).

A entrada da China na OMC pode ser “considerada como o principal acontecimento da economia internacional nos últimos anos” (LIMA, 2008, p. 15); Pimentel (2009) enfoca que essa ação proporcionou-lhe grandes avanços. Yufen (2003 *apud* ANDRADE, 2006, p. 65) diz que essa medida foi “imprescindível para completar as reformas econômicas” do país.

Entretanto, Andrade (2006, p. 76), salienta que esse acontecimento se apresentou como ameaça aos países do sudeste asiático, pois a China conta com fatores de “competitividade espúria, como baixo custo da mão-de-obra e câmbio artificialmente desvalorizado”. Já em Lima (2008) vemos também a preocupação de

países economicamente em desenvolvimento quanto aos industrializados, que, embora ganhem com a abertura dos mercados chineses enfrentam maior competição em suas exportações para o resto do mundo.

Fukasaku, Yu e Qiumei (1999 *apud* SOUZA, 2007) colocam que o acesso por estrangeiros aos mercados agrícolas chineses deixaria “9,6 milhões de trabalhadores rurais desempregados”; e que contribuiria para a abertura de mercado para exportações, mas, limitaria sua possibilidade de fazer política industrial.

Não convém pensar que todo esse processo de inserção chinesa no contexto mundial o tenha sido de forma abrupta. Pedrozo e Silva enfatizam que:

O governo chinês foi incisivo em praticar políticas de educação, [...] de absorção de tecnologia e técnicas de administração por meio dos mais variados mecanismos, incentivar concorrência interna antes de promover choques externos de competitividade, promover ciclos de crescimento econômico amparado no investimento das empresas estatais, manter políticas ativas de proteção à indústria nacional, entre as quais pode-se mencionar a forma como os líderes daquele país procederam em relação à absorção de investimentos, às privatizações, às aberturas de capitais de suas empresas em suas bolsas de valores, à formulação de políticas industriais, a desvalorização do câmbio. (PEDROZO; SILVA, 2011, p. 228).

A China revolucionou seu sistema econômico, procurou englobar todos os setores sociais do país, o que ocasionou e ocasiona com isso mudanças acontecerem e continuam acontecendo numa velocidade assustadora, pois países estrangeiros enxergaram os benefícios tentadores da demanda chinesa.

Pires (2009, p. 96) salienta que desde o início do “processo de abertura e modernização econômica, em 1978, a participação da República Popular da China na economia mundial, vem se tornando cada vez mais significativa”. Autores enfatizam que a sustentação das altas taxas de desenvolvimento, a manutenção de numerosos investimentos com grande presença de capital estrangeiro direto, representaram em torno de 40% do PIB da China afirmar (PULGA et al., 2004; MONTEIRO, 2005; NONNENBERG ET AL., 2008 *apud* RIBEIRO, 2009).

Paulino (2011, p. 386) comenta que a China tornou-se a principal beneficiária do processo de globalização principalmente após sua adesão à OMC no ano de 2001 e, isso pode ser constatado através do crescente fluxo de investimento estrangeiro direto. Em 2010, segundo dados da Conferência da ONU para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), de um total de US\$ 1,12 trilhão de investimentos mundiais, a China recebeu US\$ 101,0 bilhões, ficando em segundo lugar no ranking mundial, como poder ser observado na tabela abaixo:

TABELA 1 - INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO EM 2010 (US\$ BILHÕES)

PAÍS	INVESTIMENTO
EUA	186,1
China	101,0
Hong Kong	62,0
França	57,0
Bélgica	50,5
Reino Unido	46,0
Rússia	39,7
Cingapura	37,4
Alemanha	34,4
Brasil	30,2

Fonte: UNCTAD (*apud* O Estado de S. Paulo, 18/01/2011, p. B7).

Pires (2009) salienta que, o sucesso chinês no mundo se deve em partes ao processo de modernização, combinando abertura econômica, introdução de mecanismos de mercado e, estratégias de empresas multinacionais no processo de globalização. Nonnenberg et al. (2008 *apud* RIBEIRO, 2009) colocam que a partir do ano de 1992 os investimentos externos no país mantinham-se acima dos 35% do PIB, tendo ainda um aumento de 13% na taxa até 2005. Pires enfatiza que:

A China soube tirar proveito do ambiente econômico internacional para desenvolver um poderoso parque industrial. Políticas neoliberais do pós-1970 procuraram restabelecer a lucratividade do sistema capitalista por meio de ações que forçassem para baixo os custos de produção, fosse pelo achatamento dos salários ou pela produção em larga escala, campos em que a produção chinesa contribuiu decisivamente (PIRES, 2008 *apud* PIRES, 2009, p. 97).

Suas “jogadas” estratégicas e bem fundamentadas só poderiam fazer com que o crescimento chinês ficasse e fosse cada vez mais evidente.

O Crescimento Como Consequência

Vimos então que as medidas de Deng Xiaoping, fizeram com que a China caminhasse a passos velozes em direção a uma das principais potências mundiais, destacando-se sua quebra isolacionista e consequente abertura comercial.

Tal abertura possibilitou-lhe inserir cada vez no mundo capitalista globalizado. Pulga et al. (2004 *apud* RIBEIRO, 2009) destacam que o crescimento do PIB chinês cresce em torno de 9,4% ao ano. Lima (2008, p. 12) diz que esse crescimento se deve à “expansão do setor moderno, industrial, orientado para as exportações, que

apresentam uma expansão média superior a 15% ao ano”, colocando-a entre os maiores exportadores do mundo.

Wang e Yao (2004 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 105) salientam que “as fontes do crescimento econômico da China entre os anos 1952 a 1999, estão atreladas tanto aos fatores de acumulação como de aumento de produtividade”.

Fang e Meyan (2002 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 104) salientam que o crescimento esteja ligado “a elevação das principais fontes de crescimento - capital físico, força de trabalho empregada, acumulação de capital humano e mobilidade da mão-de-obra de setores de baixa produtividade para os de alta produtividade”. Pedrozo e Silva (2011) colocam que desde a inserção chinesa na economia mundial, suas taxas de importação e exportação obtiveram aumento a cada ano desde a década de 1980, como observado na tabela:

TABELA 2 - VALOR DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES CHINESA DE BENS (US\$ MILHÕES)

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
1984	23.344	24.082	- 738
1989	52.538	59.140	- 6.602
1994	121.006	115.614	5.393
1999	194.931	165.699	29.232
2004	593.325	561.229	32.096
2009	1.201.647	1.005.555	196.091

FONTE: (PEDROZO; SILVA, 2011, p. 237).

Na tabela os autores selecionaram anos compreendidos entre 1984 e 2009, numa avaliação quinquenal onde se observa o aumento considerável na taxa de exportação e importação chinesas. Todo o processo de inserção na economia mundial fez com que a China elevasse consideravelmente o PIB do país.

O PIB chinês expandiu 9,5% no segundo trimestre de 2011 sobre o mesmo trimestre do ano passado. De 1989 até 2010, a média de crescimento trimestral foi 9,31% atingindo um máximo histórico de 14,2% em dezembro de 1992 e um recorde de baixa de 3,8% em dezembro de 1990.

A economia chinesa é a segunda maior do mundo; durante os últimos 30 anos mudou de um sistema de planificação centralizada que foi em grande parte fechado ao comércio internacional para uma mais orientada ao mercado, que tem um setor privado em rápido crescimento. Um componente importante de apoio

rápido crescimento econômico chinês tem sido o crescimento das exportações, como pode ser observado:

GRÁFICO 1: CRESCIMENTO DO PIB CHINÊS



FONTE: TradingEconomics.com - Disponível em:

< <http://www.worldbank.org/en/country/china/overview> > Acesso em 21 de Julho de 2011

Em Lima (2008, p. 12) nota-se que pelo PIB é possível perceber a maior integração econômica chinesa no mercado internacional, que acarreta seu crescimento econômico e, que isso “se dá de forma rápida e contínua” afetando “tanto a estrutura quanto a própria evolução do sistema global de comércio”.

A China tem experimentado um período notável de crescimento em decorrência de suas reformas. Durante esse tempo, cresceu a uma taxa média de cerca de 9,7% ao ano, com um crescimento excepcionalmente forte entre 2003-2007 em média cerca de 11% ao ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É irrefutável o incrível desempenho econômico despontado pela China nas últimas décadas no mundo. Seu rápido processo de desenvolvimento tem chamado a atenção, pois colocou o país num novo patamar político e econômico.

O presente estudo buscou analisar as razões do crescimento chinês nas últimas décadas, procurando destacar as reformas políticas e econômicas que acompanharam o processo.

As estratégicas medidas governamentais adotadas no governo de Deng Xiaoping foram os desencadeadores do expressivo avanço que pode ser observado na atualidade; e os eventos demonstram que essa nação possui capacidade de dar continuidade a seu desenvolvimento. As reformas pelas quais passaram os

diferentes setores sociais concomitante com a criação das Zonas Econômicas Especiais foram fatores decisivos para o *boom* chinês na economia mundial.

Todo empenho de abertura se mostrou bastante favorável ao desenvolvimento econômico do país, pois atualmente o PIB chinês cresce consideravelmente a cada ano, e os investimentos de capital estrangeiro direto tendem a aumentar. Sua entrada na Organização Mundial do Comércio em 2001 permitiu a integração na economia mundial, o que foi considerado como o principal acontecimento econômico internacional dos últimos anos.

Esse processo de desenvolvimento permitiu a milhares de chineses saírem do seu estado de pobreza, mas alguns pontos negativos também podem ser observados no tocante, dentre os quais, os ambientais. “A poluição veio crescendo no mesmo ritmo que seu *boom* econômico” (SULEIMAN, 2008, p. 43).

A economia chinesa cresce a cada ano e embora acarrete problemas sócio-ambientais, sua importância na economia global não será minimizada e dessa maneira. A China muito breve tornar-se-á a maior potencial mundial.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. C. **Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China**: Aspectos teóricos e investigação empírica. 2006, 137f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- CABRAL, S. As Relações Brasil-China e os Desafios do Século XXI. In: PAULINO, L. A.; PIRES, M. C. **Nós e China**: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul. São Paulo: LCTE, 2009, p. 73-79.
- CORSI, F. L. Crise e reconfiguração espacial do capitalismo Global: A ascensão do leste asiático. In: PIRES, M. C.; PAULINO, Luis Antonio. **As relações China e América Latina num contexto de crise**: Estratégias, intercâmbios e potencialidades. São Paulo: LCTE, 2011, p. 109-130.
- FERREIRA, D. F. B. **A inserção da China no processo de globalização e sua relação comercial com o Brasil**. 2010. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC), Universidade Estadual Paulista. Marília.
- GÓES, B. B. **Expansão internacional para a china**: estudo de caso de uma empresa brasileira. 2006. 195f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração. Rio de Janeiro.
- GUIMARÃES, S. P. **Brasil e China**: Multipolaridade. Brasília: IPRI, FUNAG, 2003.
- LEONARDO, L. C. **Identificação e avaliação dos fatores atrativos para implantação de uma indústria metalúrgica do ramo de autopeças na China**.

2007. 113f. Dissertação (Mestrado em Administração). Instituto de pesquisas tecnológicas do estado de São Paulo. São Paulo.

LIMA, C. N. de. **Impacto das exportações de produtos manufaturados da China nas vendas externas dos países latino-americanos: 1995-2005.** 2008, 51f. Dissertação (Mestrado em Economia Internacional). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

MENDONÇA, M. G. de. Impacto dos interesses comerciais na África. In: PIRES, M. C.; PAULINO, L. A. **As relações China e América latina num contexto de crise: Estratégias, intercâmbios e potencialidades.** São Paulo: LCTE, 2011, p. 258-279.

OLIVEIRA, C. A. B. de. Reformas econômicas na China. **Revista Economia política Internacional: análise estratégica.** n. 5, p. 3-8, abr./jun. 2005.

PAULINO, L. A. Presença econômica e comercial da China no Brasil. In: PIRES, M. C.; PAULINO, L. A. **As relações China e América Latina num contexto de crise: Estratégias, intercâmbios e potencialidades.** São Paulo: LCTE, 2011, p. 387-405.

PEDROZO, G. E. SILVA, Mauri da. Brasil e China: Estratégias assimétricas de inserção internacional e o desempenho das relações de comércio. In: PIRES, M. C.; PAULINO, L. A. **As relações China e América Latina num contexto de crise: Estratégias, intercâmbios e potencialidades.** São Paulo: LCTE Editora, 2011, p. 226.

PIMENTEL, J. E. A. **Empresas Brasileiras na China: estratégia e gestão.** 2009. 165f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de São Paulo. São Paulo.

PIRES, M. C. Os desafios da concorrência chinesa para a economia brasileira. In: PAULINO, L. A.; PIRES, M. C. **Nós e China: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul.** São Paulo: LCTE, 2009, p. 95-115.

RIBEIRO, J. G. **Análise do setor calçadista a partir da década de 1990. O efeito China nas exportações de calçados do Brasil.** 2009, 162f. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Estadual de Maringá.

SALATIEL, J. R. (2009). Socialismo à chinesa sobrevive ao século 20. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/atualidades/revolucao-chinesa-60-anos.jhtm>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

SKIDELSKY, R. Um gigante em fase de crescimento. **Biblioteca entreLivros,** São Paulo, edição especial n. 5, p. 22-25. 2006.

SOUZA, Antonio Renildo Santana. **As relações entre a reforma do estado e a dominação do capital na China: as transformações pós-1978.** 2007, 637f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal da Bahia.

SOUZA, Y. C. de S. L. de. **Contribuições da imagem cinematográfica para a educação: Um Estudo De padrões socioculturais na história da China através da obra de Zhang Yimou.** 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Vale do Itajaí. Itajaí.

SULEIMAN, A. B. **O desenvolvimento econômico Chinês pós 1949**. 2008, 45f. trabalho de conclusão de curso. (Faculdade de Economia) Fundação Armando Alvares Penteado. São Paulo, FAAP.

TRADINGECONOMICS.COM. China GDP Growth Rate. (2011). Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/country/china/overview>>. Acesso em: 21 jul. 2011.